



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

**O CARIMBÓ COMO DIVERSÃO DO TRABALHADOR:
REFLEXÕES SOBRE O LAZER A PARTIR DE MANIFESTAÇÕES
FOLCLÓRICAS PRESENTES NA REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE Nº
25 (SETEMBRO / DEZEMBRO DE 1969)**

Jenifer Lourenço Borges Vieira¹

RESUMO: Este texto apresenta algumas reflexões sobre uma manifestação folclórica em particular, o carimbó, presente na Revista Brasileira de Folclore (RBF). Trata de como ela pode ser entendida como possibilidade para a vivência do lazer do trabalhador, e como esse lazer é visto por tal trabalhador e pelos folcloristas na década de 1960. Além de indagar o possível uso desse periódico, de caráter nacional, para a promoção de determinadas manifestações folclóricas a serem vivenciadas e/ou reproduzidas pelo trabalhador no intuito de preencher seu tempo² de não trabalho.

Palavras-chave: Lazer; Folclore; Trabalho

Introdução

No período compreendido entre os anos de 1947 e 1964, houve uma grande mobilização de intelectuais, imbuídos do propósito de promover ações culturais e políticas voltadas para a proteção do folclore nacional. Tal mobilização, conhecida como Movimento Folclórico Brasileiro (MFB) reuniu um significativo contingente de intelectuais brasileiros, que viam o folclore não apenas como um objeto de estudo e pesquisa, mas, principalmente, como uma referência para a definição de nossa identidade nacional.

O MFB, com o objetivo de construir uma grande rede nacional de folcloristas com interesse na pesquisa e na criação, em todo o Brasil, de um clima favorável ao estudo e proteção do folclore, promoveu ações e encontros que alcançaram grande repercussão pública. Toda essa estratégia culminou na instalação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB), vinculada ao então Ministério da Educação e Cultura (MEC), que tinha como objetivo a proteção e o estudo do folclore (VILHENA, 1997; OLIVEIRA, 2010).

¹ Mestranda em Lazer pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e bolsista CAPES-REUNI. E-mail: jeniferborges@ymail.com

² Este trabalho é parte dos resultados do projeto de mestrado *Vestígios do lazer na Revista Brasileira de Folclore (1961-1976)*, integrado na pesquisa coletiva *A educação dos sentidos na história: o tempo livre como possibilidade de formação (entre os anos finais do séc. XIX e os anos iniciais do séc. XXI)*, desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais e coordenado pelo Prof. Dr. Marcus Aurélio Tabora de Oliveira, com financiamento do CNPq sob n. 470687/2011-8 e da FAPEMIG, sob n. **APQ 00635/11**.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

A CDFB foi instituída em 1958, a partir do Decreto nº 43.178, de 5 de fevereiro de 1958, assinado por Juscelino Kubitschek, então presidente da República. Em seu artigo 3º, que apresenta as finalidades da Campanha, está posto que ela deveria “esclarecer a opinião pública quanto à significação do folclore” (Decreto nº 43.178/1958).

Para agir de forma a fazer valer seus objetivos e finalidades, a CDFB realizou uma série de atos como a criação de museus e de bibliotecas. De acordo com CAVALCANTI (2002), data dessa época o embrião do que viria a ser mais tarde o Museu de Folclore Édison Carneiro e a Biblioteca Amadeu Amaral, do atual Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Um desses feitos da CDFB foi a edição e publicação da Revista Brasileira de Folclore (RBF).

A RBF foi editada a partir de 1961 pela CDFB, na gestão de Édison Carneiroⁱ. Além deste, que foi diretor executivo da CDFB entre 1961 e 1964, outros dois nomes aparecem como diretores executivos da entidade durante o período de edição da RBF: Renato Almeidaⁱⁱ, entre 1964 e 1973, e Bráulio Nascimentoⁱⁱⁱ, entre 1974 e 1976; são, portanto, os principais responsáveis pela edição da Revista. VILHENA (1997) afirma que a criação da RBF foi uma das mais importantes realizações da gestão de Édison Carneiro à frente da CDFB, através da qual ele pretendeu, como afirma no primeiro número da publicação, fornecer ao MFB uma revista de caráter nacional.

Édison Carneiro, em sua fala no prefácio do livro de Acácio Ferreira, O lazer Operário, de 1958, diz da importância do lazer na vida dos trabalhadores e da preocupação de folcloristas com o tema. Ele afirma que os folcloristas também estavam preocupados em proporcionar aos trabalhadores atividades em que eles fossem mais participantes do que espectadores, fazendo com que o preenchimento das horas de lazer tivesse um sentido duplamente construtivo, “tanto em benefício do indivíduo, que de outra maneira a máquina transformaria em autômato, como da coletividade, através do alívio de boa parte das tensões sociais que afligem nosso tempo.” (FERREIRA, 1958, p. 7)

Dessa forma, é interessante pensarmos em uma possível utilização do periódico em questão como meio para a promoção e divulgação de certas manifestações folclóricas a serem vivenciadas como possibilidades de lazer da população, sendo essas últimas exemplos de uma cultura brasileira. Assim, a RBF alcançaria os objetivos e finalidades da CDFB, principalmente no que diz respeito à divulgação e possível perpetuação do folclore e, ao mesmo tempo, exemplificaria, através das manifestações folclóricas descritas em seus artigos, uma (boa) forma de uso para o tempo de lazer do trabalhador.

Objetivos

Seguindo essa linha de pensamento, o texto traz reflexões provenientes de um artigo da RBF, previamente selecionado, em busca do entendimento da manifestação folclórica em pauta como possibilidade de vivência do lazer do trabalhador e, a partir daí, busca averiguar qual o entendimento sobre o lazer dos autores do artigo e dos trabalhadores participantes do estudo em questão.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Procedimentos metodológicos

Para tal reflexão, realizamos neste estudo uma pesquisa bibliográfica e documental, utilizando como fonte, a edição de número 25 da RBF, datada do último quadrimestre de 1969 (setembro/dezembro), obtida no acervo das bibliotecas da UFMG e no acervo digital do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

Sobre a RBF

Publicada três vezes ao ano, de quatro em quatro^{iv} meses – uma edição em janeiro/abril, uma em maio/agosto e outra em setembro/dezembro – ela incluía resenhas, noticiários e artigos de estudiosos do folclore brasileiro e estrangeiro. A série total da RBF possui 41 edições, de 1961 a 1976. A primeira data do último quadrimestre de 1961 e a última, do segundo quadrimestre de 1976. Durante os 15 anos em que esteve em circulação, sua publicação foi interrompida somente no ano de 1975. Segundo SOARES (2010), essa interrupção foi devida, provavelmente, ao

... desarranjo institucional causado com a reestruturação do campo da cultura no Brasil, que enquadraria a CDFB entre as instituições coordenadas pela Funarte, só voltando a circular em maio de 1976, para encerrar a série.” (SOARES, 2010, p. 35)

Ela foi distribuída através de assinaturas anuais e, de acordo com SOARES (2010), a distribuição da RBF estava a cargo da Livraria São José, situada na capital carioca, responsável por disponibilizá-la para outras localidades do país, entre elas, Manaus, Belém, Fortaleza, Natal, Recife, Salvador, Vitória, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre. A autora ainda afirma que, para as instituições públicas, sobretudo educacionais, a RBF era distribuída gratuitamente.

O tempo de não trabalho ou tempo livre

A análise dos artigos da RBF, sob o prisma do lazer, numa perspectiva histórica, pode proporcionar ao campo importantes contribuições no que se refere ao entendimento das múltiplas dimensões do lazer em uma sociedade estratificada.

É interessante salientar que a preocupação com o preenchimento das horas de lazer (ou tempo livre) do trabalhador é verificada, na história, na obra de Edward Palmer Thompson, demonstrando que o “problema” da ocupação do tempo livre do trabalhador não é tão atual.

Em seu livro “A formação da classe operária”, de 1988, o autor afirma que “as diversões dos pobres foram alvo de uma forte oposição religiosa e legal, e até mesmo as mais inócuas foram consideradas impróprias.” (p. 293) MELO (2007) explica que, no âmbito desse estudo de Thompson, as diversões dos trabalhadores foram encaradas



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

como “potencialmente perigosas” por serem consideradas “perturbadoras da ordem social”.

Dessa forma, houve uma tentativa de imposição da disciplina social, verificando-se um controle do tempo do trabalhador. Apesar de o tempo de não trabalho (ou tempo de lazer) do trabalhador ser bastante reduzido devido à grande extensão da jornada de trabalho, a burguesia, ainda assim, sentia a necessidade de controlar o uso deste tempo pelos trabalhadores.

THOMPSON (1988) revela o interesse, por parte da burguesia e da igreja, em controlar o tempo livre dos trabalhadores. CORBIN (2001) nos mostra esse mesmo interesse de controle do tempo livre ou das horas de lazer dos trabalhadores em uma esfera mundial:

Ao longo da segunda metade do século XIX, desenham-se traços comuns a todos os países. (...) Por toda parte a sua acção precedeu a investigação científica consagrada às modalidades de utilização do tempo livre. É que se tratava acima de tudo de vigiar, de controlar, de moralizar, de promover.

Em todos os países do Ocidente impõe-se no século XIX a distinção entre práticas de lazer consideradas enriquecedoras, que revelam da esfera do amadorismo, e distrações consideradas pouco respeitáveis, empobrecedoras ou demasiado ligadas ao profissionalismo. (...) O Reino Unido caracteriza-se por uma consciência premonitória da diversidade dos usos sociais do tempo e por um esforço intenso de organização e enquadramento do lazer popular. (CORBIN, 2001, p. 8)

A maneira como o trabalhador usufruía o seu tempo de não trabalho, as atividades que ele executava (ou não executava) nesse tempo já eram alvo do interesse de várias pessoas na esfera mundial.

No que diz respeito ao entendimento sobre o lazer no período de publicação da RBF, décadas de 1960 e 1970, MARINHO (1979), em sua obra “Raízes etmológica, histórica e jurídica do lazer”, nos explica que é impossível falar de lazer sem associá-lo ao trabalho e à recreação. O autor afirma que “essa trilogia é indissociável e apresenta uma interdependência que precisa ser compreendida, estudada, analisada. A diminuição do Trabalho gera o Lazer e este impõe a Recreação” (p. 11). Esse pensamento reflete o que parte dos estudiosos, a exemplo de SUSSEKIND (1952), FERREIRA (1959), DE GRAZIA (1966), dentre outros, pensavam sobre o lazer e sobre a sua relação com a recreação.

No “Manual de recreação: orientação dos lazeres do trabalhador” (SUSSEKIND e colaboradores, 1952), são citadas algumas atividades recreativas a serem desenvolvidas pelos trabalhadores durante suas horas de lazer, e entre elas encontram-se as artes populares. Como artes populares, o autor faz referência à música, ao teatro, à dança, ao cinema, ao rádio, à televisão, considerando que “uma das finalidades da recreação é o enriquecimento da personalidade intelectual do indivíduo.” (p. 35)

O lazer na RBF



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

De todos os artigos presentes em todas as edições da RBF, encontramos um único no qual a palavra **lazer** aparece. Nesse artigo, publicado no número 25 da RBF, referente ao último quadrimestre de 1969 (setembro/dezembro), os autores fazem referência direta ao lazer dos trabalhadores, nesse caso, dos caboclos. É interessante salientar que, o lazer neste texto não tem relação alguma com o mundo fabril: trata-se do uso do tempo de não trabalho de pequenos agricultores, pescadores e pecuaristas, os caboclos paranaenses. Na introdução desse artigo, intitulado “Carimbó: trabalho e lazer do caboclo”, os autores Vicente Salles e Marena Isdebski Salles afirmam que

... a lúdica é certamente um dos aspectos menos conhecidos do folclore amazônico. Enquanto a bibliografia regional salienta parte de uma literatura oral (contos, mitos e lendas) muito rica, as poesias, as músicas e as danças aparecem escassamente documentadas.

Apenas o boi-bumbá faz exceção à regra. Entre os folguedos típicos da grande região norte, o bumbá tem merecido estudos mais aprofundados, embora ainda incompletos. (SALLES e SALLES, 1969, p. 257)

Na condição de observadores participantes de folguedos populares, os autores concluem que

...no Pará, abrangendo as regiões pastoril e agrícola (Marajó e Bragantina) e mais a litorânea (zona do Salgado), onde há predominância das atividades pesqueiras, o carimbó enquanto dança e enquanto música é uma das formas mais puras e significativas do lazer popular. O divertimento que mais anima as populações dessa região. (SALLES e SALLES, 1969, p. 259 – Grifos meus.)

Nota-se aqui a referência feita pelos autores ao carimbó como lazer popular e como divertimento da população. Dessa forma, o lazer e o divertimento são sinônimos para os autores. Eles nos informam que o carimbó (ou corimbó, como também era conhecido) era uma das “predileções da população mais humilde” (p. 260), e antigamente “confundia-se com os batuques e com todas as bulhas perturbadoras do sossego público” (p. 260). Sobre a época de realização do carimbó, os autores afirmam que

Embora Nunes Pereira marque, no Marajó, uma época precisa para a dança do carimbó, os meses de junho, novembro e dezembro, em outras regiões a dança ocorre em qualquer período do ano. Geralmente, é dança do fim de semana, como na Vigia. No Maranhão, informou-nos o popular Casemiro Anastácio Avelar, o Carimbó também é considerado dança de “fim de festa”, por estar associado à festa do Divino, servindo-lhe de epílogo. No Pará, à exceção talvez da ilha de Marajó, onde às vezes em algumas localidades aparece associado à festa de São Benedito (8 de dezembro), não tem ligação especial a qualquer festividade religiosa. É dançado preferencialmente no período marcado pelo começo do “verão” e primeiros meses do “inverno” (novembro-dezembro), durante o qual há muitas festividades religiosas (o ciclo junino, as réplicas sertanejas do Círio de Nazaré, o ciclo de dezembro-janeiro). Mas o próprio Carimbó marajoara não tem conotação estreita com a festa de São Benedito, embora Nunes Pereira e Gentil Puget a ela se refiram



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

expressamente; é mais divertimento, puro lazer que sucede às duras fainas diárias.
(SALLES e SALLES, 1969, p. 263 – Grifos meus.)

Nessa citação, é possível visualizar a ligação do carimbó com algumas festas populares. Nota-se que, essa dança não possui uma conotação mais estreita com nenhuma festa em particular, ela é dançada em várias ocasiões e representa uma vivência de lazer do trabalhador caboclo. Outra vez aparece uma referência dos autores ao carimbó como divertimento, levando-nos a entender que quando eles dizem do lazer popular estão compreendendo-o como tal.

No artigo, eles se dirigem à Vigia para estudar a dança. Lá, no intuito de fazer contato com os brincantes do carimbó, escolhem a “Tia Pê – Francisca Lima do Espírito Santo”, velha patrocinadora da dança, para fazer a ponte entre eles. Os autores explicam que, o carimbó, quase sempre

... é dançado sob a orientação de um conhecedor do brinquedo, encarregado de sua promoção periódica. Elemento associativo para o povo, ausentes outros meios de diversão, o batuque atrai a população simples, caboclos, negros e mestiços, para a dança que se prolonga durante muitas horas, noite a dentro, terminando quase sempre com o raiar do dia.(...) Na Vigia, êsse encarregado é Tia Pê, que conta com o auxílio de vizinhos e amigos. (SALLES e SALLES, 1969, p. 265)

Aqui, os autores nos informam que o povo, representante de uma “população simples, caboclos, negros e mestiços”, não possui outros meios de diversão além do carimbo. Dessa forma, a dança se torna, por excelência, um exemplo de vivência de lazer dessas pessoas. Com relação a esse lazer, analisando o processo de interação social com base nesse elemento folclórico, o carimbó, os autores destacam certo tipo de representação coletiva sobre o fenômeno. Eles salientam que, encontraram, “uma série de idéias gerais, transmitidas oralmente, e que se traduzem numa fórmula de ajustamento do lazer às atividades do grupo.” (p. 267) Assim, eles afirmam que

Toda criatura humana necessita de uma periódica evasão do espírito. Sente necessidade de compensar as horas de trabalho com horas de lazer. A lúdica, para o povo, é talvez o momento supremo de lazer. Pagodes, arrasta-pés, furdunços, ali, como em tôda a parte, significam o melhor meio de fuga, o melhor derivativo das canseiras e monotonias da vida precária e difícil. (SALLES e SALLES, 1969, p. 267)

Logo, verificamos a necessidade dos momentos de lazer na vida do trabalhador caboclo, principalmente como forma de compensação. Os autores explicam que, raramente o caboclo está parado, o trabalho é constante. E as duras condições de vida exigem dele maior esforço e dedicação ao trabalho. Assim sendo,

... o tempo de folgar é sagrado. E é nesse tempo que o caboclo se mete nos “pagodes” e nos “arrasta-pés”. Nem sempre é a cachaça a grande motivadora do lazer, como reclamavam os cronistas dos primeiros tempos coloniais. A necessidade de divertir-se cria as formas mais simples do relacionamento social, as brincadeiras, as danças, as devoções, tudo enfim que contribui para descarregar as tensões daquela



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

vida difícil e áspera, ajudando-os a descontraí-los. (SALLES e SALLES, 1969, p. 268)

O lazer é visto aqui como uma forma de restauração do equilíbrio biológico do trabalhador, uma pausa na labuta diária, onde o tempo de folgar se torna sagrado. Exemplo desse lazer está presente, além de nas danças como o carimbó, nas brincadeiras e nas devoções do caboclo. Porém,

... enquanto dança, enquanto folga, está sempre o caboclo lembrando o trabalho. A própria dança, quase sempre, marca verdadeiro “interstício” entre duas jornadas semanais de trabalho. Brincadeira de fim de semana, de sábado e de domingo, tal como ocorria nos tempos iniciais da colonização portuguesa. Obedecendo o preceito religioso, o senhor doava aos escravos o domingo, “dia de folgar”, além dos dias santos de guarda. (SALLES e SALLES, 1969, p. 268)

Os autores demonstram como o lazer e o trabalho estão imbricados para o caboclo, pois, mesmo enquanto folga, ele está sempre lembrando o trabalho, e esse pensamento vai ao encontro do pensamento de Marinho (1979) sobre a trilogia trabalho – lazer – recreação. Um exemplo dessa ligação está nas letras de algumas músicas de carimbo, cujos versos atestam a origem de cantos de trabalho.

De acordo com SALLES e SALLES (1969), tais versos ligam diretamente o carimbó ao trabalho, evidenciando assim a ligação trabalho e lazer. Uma forma de enxergar essa ligação seria, por exemplo, verificar a divisão dos tempos do trabalhador caboclo. Por não estar envolvido no mundo fabril, haveria certo descaso pelo tempo do relógio. De acordo com THOMPSON (1998), esse descaso só seria possível em uma comunidade de pequenos agricultores e pescadores, “cuja estrutura de mercado e administração é mínima, e na qual as tarefas diárias (...) parecem se desenrolar, pela lógica da necessidade, diante dos olhos do pequeno lavrador.” (p 271) Dessa forma, os tempos do trabalhador caboclo, tempo de trabalho e tempo de não trabalho, não teriam seu início e seu fim claramente demarcados. E, como demonstra uma letra de canto de carimbó, enquanto pisa-se e peneira-se o milho, as pessoas cantam e se divertem com essa dança.

Pensando no lazer do trabalhador, artigos como esse revelam indícios na história que podem auxiliar estudiosos do campo a desvendar as peculiaridades das vivências de lazer nas camadas populares e exemplificar as possibilidades de usufruto do tempo livre dessas pessoas, testando teorias sobre o tema, ora reafirmando-as, ora desafiando-as.

ⁱ Édison Carneiro (1912-1972), jornalista, poeta, jurista e folclorista, professor de Bibliografia de Folclore do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional e de Cultura Popular no Instituto Villa-Lobos, foi um dos responsáveis pela estruturação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, do MEC, participando como membro do seu Conselho Técnico, de 1958 a 1961, sendo nomeado diretor-executivo no período de 1961 a 1964 (GASPAR, s. d).

ⁱⁱ Renato Almeida (1895-1981), folclorista e musicólogo, ingressou como escrivão no Ministério das Relações Exteriores em 1927, vinte anos depois já ocupava a posição de chefe do seu Serviço de Informações. Esteve presente na diretoria do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC)



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

desde sua instituição, em 1946. Assumiu a direção executiva da CDFB em 1964, após o golpe militar e permaneceu até 1973. (VILHENA, 1997)

ⁱⁱⁱ Bráulio do Nascimento, nascido em 1924 no estado da Paraíba, é estudioso do folclore especialista em romances e em contos populares, com trabalhos reconhecidos no Brasil e em diversos países do mundo, a exemplo do livro “Biografia Brasileira de Folclore” (Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1973).

^{iv} Essa regra de revista quadrimestral não funcionou para os números 8, 9 e 10, que foram editados juntos, em um só volume, no ano de 1964. SOARES (2010) explica que essa interrupção está ligada ao afastamento de Édison Carneiro da direção da CDFB, devido a circunstâncias impostas pelo golpe militar.

Documentos

BRASIL. **Decreto Nº 43.178 de 5 de fevereiro de 1958.** Institui a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Brasília, DF, 1958. Disponível em www6.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=153421&norma=174182. Acessado em 30/5/2011.

SALLES, V.; SALLES, M. I. Carimbó: trabalho e lazer do caboclo. In: CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE BRASILEIRO. **Revista Brasileira de Folclore.** Rio de Janeiro: CDFB/MEC, v.9, nº 25, set./dez. 1969.

Referências

CAVALCANTI, M. L. V. de C. **Entendendo o folclore.** Rio de Janeiro, 2002. Texto produzido especialmente para o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Disponível em:

<http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Maria_Laura/CNFCP_Entendendo_Folclore_Maria_Laura_Cavalcanti.pdf>. Acesso em 21 de outubro de 2011.

CORBIN, A. **História dos tempos livres. O advento do lazer.** Tradução de Telma Costa. Teorema, 2001.

DE GRAZIA, S. **Tiempo, trabajo y ocio.** Editorial Tecnos, Madrid, 1966.

FERREIRA, A. **O lazer operário.** Livraria Progresso Editora, 1958.

GASPAR, Lúcia. **Edison Carneiro.** Pesquisa Escolar On-Line, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em 6 de outubro de 2011.

MARINHO, I. P. **Raízes etmológica, histórica e jurídica do lazer.** Brasília, 1979.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

MELO, V. A. de. **Lazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompson.** Movimento (ESEF/UFGRS), v. 7, nº 14, 2001. Disponível em: <seer.ufgrs.br/Movimento>. Acesso em 30 de maio de 2012.

OLIVEIRA, V. D. E. de. **Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro: estratégias e redes de resistência na construção da memória da cultura popular brasileira.** XIV Encontro Nacional da Anpuh: Memória e Patrimônio. UniRio. Rio de Janeiro, 19 a 23 de julho de 2010.

SOARES, A. L. **Revista Brasileira de Folclore: intelectuais, folclore e políticas culturais (1961-1976).** Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010.

SUSSEKIND, A.; MARINHO, I. P.; GÓES, O. **Manual de Recreação (orientação dos lazeres do Trabalhador).** Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Rio de Janeiro, 1952.

THOMPSON, E. **A formação da classe operária.** Tradução Renato Busatto Neto, Cláudia Rocha de Almeida – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª edição, 1988.

THOMPSON, E. **Costumes em comum.** Revisão técnica Antônio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VILHENA, L. R. da P. **Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964).** Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas: FUNARTE, 1997.